

EDITORIAL

Ao lançarmos mais um número do nosso boletim, cabe-nos tecer algumas considerações pertinentes, ponderando as circunstâncias da época estival.

FÉRIAS. - Quadra de lazer. É o vaivém dos que economicamente podem, para mais além ou mais aquém. Outros, os que não podem, descansam, se possível, mantendo-se em casa, ou deambulando pelas redondezas domiciliárias.

Neste período, a vida, em geral, volve menos operosa. O descanso é devido, certamente, a quem, ao longo do ano, consumiu energias e necessita retemperar-se.

Aqui, na AEMO, contudo, afrouxando embora, a actividade, mantivemos a presença, com atendimento em geral, recepção e expedição de correspondência, assim continuando actuante o trabalho indispensável à vida corrente da Associação.

CALAMIDADE. - Contrastando com a acalmia estival, surge-nos, quase de improviso, Féeton – esse deus desvairado que já uma vez abrasou o Universo (segundo mítica fábula) - flagelando, desta vez, além de parte da Europa, este nosso Portugal, sucessivamente causticando com tantas outras pragas, destruindo florestas, plantações, pomares, culturas herbáceas, habitações, não poupando mesmo – eis a maior desgraça – indefesas vidas humanas. Foi como que um sopro satânico a devastar larguíssimas áreas. Que ansiedade, que desespero, que lutas inglórias, que desventura imensa para tantas vítimas de flagelo tão desmesurado!... E que perda incomensurável para esta terra que já foi abençoada, agora anelante de paz, de equilíbrio ou ainda progresso económico!... É grande a dor, enorme o desespero que apunhala e mata!...

Oxalá Júpiter precipite, novamente, o perverso deusinho, desta vez nas profundas dos infernos, donde, segundo Dante, jamais sairá.

Não seria curial, na oportunidade, brincar com mitos. Frizamos, com isto, tão só a violência, o inusitado e a persistência da calamidade, como se fora castigo divino.

Perante tal cataclismo, todos, remediados ou nem isso, seremos solidários, caridosos, acudindo aos que sofrem, >

(Continua na pág. 4)

UMA DESILUSÃO, UMA ESPERANÇA...

“Tendo chegado às minhas mãos o nº 1 do 1º trimestre da “A Voz da AEMO”, e estando de acordo com tudo o que lá é exposto, venho por meio desta tornar-me sócio dessa “Associação de Espoliados de Moçambique”, para juntar a minha voz aos que sofreram e estão a sofrer o esquecimento votado pelos sucessivos Governos desta Nação, em especial dos bandidos que, além da entrega que fizeram, ainda tiveram a hombridade de lhes pagarem com os nossos bens, fruto de tantos anos do nosso trabalho.

Compare-se a situação que existia há 30 ou 40 anos atrás, duma terra farta que até exportava alimentos, aos actuais milhares de mortos pela fome e da falta de tudo, em especial de medicamentos.

Pois, eu fui dos que partiram a expensas do Estado Português, como colono, aos 18 anos e lá passei os melhores anos da minha vida, considerando aquela terra como se minha própria fosse, onde investi todas as minhas economias, constituí família e me nasceram os meus filhos.

Não só os cobardes bandidos nos roubaram os melhores anos da nossa vida, como nem sequer no-los contaram para uma reforma justa a que tínhamos direito, pois até descontávamos mensalmente para o Imposto Profissional que o Estado exigia. Foi desta maneira que nos pagaram por lhes termos matado a fome e equilibrado a economia duma situação de bancarrota, durante tantos anos.

Podem fazer uso claro e incondicional, quer seja em qualquer meio de comunicação social e público, que não tenho receio de dar a cara, seja a quem for.

Coragem pela persistência e um abraço para todos os colaboradores, deste amigo sempre ao dispor.”

Ass.) José de Matos- Vila Nova de Gaia

N.R.: - Que este seja mais um exemplo a seguir pelos milhares de espoliados ainda vivos ou descendentes dos já infelizmente falecidos, assim honrando a memória e sacrifícios de seus Pais.
Os agradecimentos de “A Voz da AEMO”.

AEMO

ASSOCIAÇÃO DOS ESPOLIADOS DE MOÇAMBIQUE



CABO DELGADO
NIASSA
NAMPULA
MOÇAMBIQUE (ILHA)
ZAMBÉZIA
TETE
MANICA E SOFALA
INHAMBANE
GAZA
LOURENÇO MARQUES

Sede: Rua do Comércio, nº 8 5º Dtº - 1100-150 LISBOA
Tel./Fax.: 218809996 Apartado 2079 1102 LISBOA Codex
URL: <http://www.terravista.pt/bilene/1122>
Email: aemo@clix.pt

Membro de: CONFEDERATION EUROPEENE DES SPOLIÉS D'OUTRE-MER(ROMA)

CRÓNICA À DISTÂNCIA A QUESTÃO DOS ESPOLIADOS

Por Alberto João Jardim



Questão ainda não resolvida com Justiça, em Portugal, é a daqueles que foram espoliados no seu património, pela “revolução” do 25 de Abril.

Evidentemente que o actual Governo da República não é o responsável por tais atropelos. Se calhar é um País inteiro, por nunca terem sido pedidas responsabilidades aos seus autores.

Depois de feitas as asneiras, foi ninguém. Depois de cometidos os erros, nunca foi ninguém.

Preocupa-me mesmo que, ainda hoje, num Portugal democrático e europeu, nada comparado aos tempos das selvajarias da “abrilada”, haja um certo receio de recordar essas poucas vergonhas e de chamar malandros a todos os que as provocaram.

Este esquecimento cúmplice, pode inclusive facultar que, um dia, a História se repita por falta do necessário esclarecimento e informação das gerações futuras.

Não há dúvida que a necessidade de indemnizar todos os que espoliados ou roubados pelo 25 de Abril é uma tarefa muito complicada para a situação financeira que ainda se vive no Estado Português, esta embora muito melhor do que há cinco anos para trás, nos socialismos de má memória.

Mesmo aos que usurpados em África pelos governos angolano, moçambicano, guineense, são-tomense ou cabo-verdiano, no entanto, o Estado Português sempre tem um instrumento de peso na sua mão. É que ao mandar-lhes uns dinheiritos que tanta falta vão fazendo aos portugueses — aqui o “povo unido” não protesta — devia exigir, paralela e em contrapartida, devoluções de bens portugueses aos seus legítimos e respectivos proprietários.

Claro que, se estes problemas têm de ser encarados com realismo, tendo em conta as reais possibilidades do Estado Português, das financeiras às externas, a verdade é que não se pode protelá-los, deixando-os nas prateleiras das coisas destinadas a ver se esquecem. Bem como a sua solução não pode comprometer o futuro nacional, atendendo ao actual esforço de recuperação e de reorganização de Portugal.

Aliás, o País deve muito aos espoliados, nacionalizados e roubados, quer na Metrópole quer no ex-Ultramar. Estes souberam enfrentar as situações com a maior coragem e civismo, dando prioridade ao restabelecimento das liberdades em Portugal, quando ameaçadas pelos comunas.

Por isto mesmo, agora em fase de recuperação, o Estado Democrático deve assumir a dívida de gratidão que tem para com estes portugueses.

In: Século de Joanesburgo, 27.08.1990

DEPÓSITOS CONSULARES

Solicita-se a quem tenha depósitos de valores dos consulados da Beira e Maputo, e ainda os não tenha levantado, que entre em contacto com esta Associação, durante as horas de expediente, para um possível encaminhamento da sua resolução.

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

A Secretaria da Associação atende no seguinte horário:

De 2ª a 6ª Feira das 15 às 18H00

Tel/Fax: 218809996

**Rua do Comércio, nº 8 5º Dtº
1100-150 LISBOA**

**Utilize o correio electrónico
aemo@clix.pt**

**Visite a nossa página na net
http://www.terravista.pt/bilene/1122**

NOVOS SÓCIOS

- Maria Dulce Barbosa Felgueiras Calado
- Gilda Assunção de Freitas Monteiro
- Manuel João Vieira de Sousa
- João António da Cruz Rodrigues
- Maria Manuel Arega da França Machado Burguete
- Rui Manuel da França d'Almada Burguete
- Elvira Ribeiro Mateus
- Luís José Francisco dos Mártires Pinto
- Manuel António Martins da Costa
- Angelina Mesquita Fragoso Rodrigues
- Leong Pack Chun
- Leong Pack Keon
- Jorge Chang
- Elmano Jorge Caleiro
- Marcelino Caetaninho de Sousa
- Ho Wing Ken
- Fernando Manuel da Silva e Sousa
- Maria de Lourdes Salgado Moreira Rato Duarte Santa
- João Pereira Antunes
- Leonel Ferreira Mourato
- José Telles
- Nuno Alberto Pousa
- Maria Alice Garcia Pereira Monteiro Saraiva
- Maria Augusta da Piedade Moty Silva

***Quer ser dinamizador da
AEMO
na sua zona de residência
ou
trabalho?***

Contacte-nos, por favor!

**Telefone/Fax
218809996**

PAGUE AS SUAS QUOTAS
POR TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA
BNC - NIB 0046.0001.11565600128.78
IBAN PT50.0046.0001.11565600128.78
POUPE TEMPO E DINHEIRO

PARA RECORDAR...

João Vaz de Almada

A cidade da Beira Em honra do Príncipe

(Conclusão do nº 1)

Ruas que no princípio do século, por serem completamente arenosas não permitiam o trânsito a automóveis, em 1926, mercê do endurecimento a que foram sujeitas, já contavam com 150 carros a circular nelas. Em 1919, existiam apenas 469 edifícios. Oito anos mais tarde esse número ascendia aos 900, crescimento esse registado às expensas do novo bairro, fora da zona comercial, denominado Ponta Gea.

Executam-se igualmente profundos estudos sobre a viabilidade de novos aterros. Quando estes se mostram seguros e executáveis, a confiança entre o mar e a terra aumenta pouco a pouco e por toda a parte se constroem casas numa febril ansiedade de ganhar o tempo perdido. Detecta-se esta ânsia de progresso no crescimento da população europeia. Em 1910 os europeus são 860, número que em 1920 é de 1 450, para sete anos mais tarde quase duplicar, registando-se 2 425.

Os anos 20 não conhecem paralelo no que diz respeito ao desenvolvimento. Ainda em 1917, Brito Camacho, que foi governador-geral de Moçambique, pouco tempo depois de ter efectuado um périplo pela colónia, registou no seu livro Terra de Lendas uma impressão extremamente negativa da cidade: "Na Beira não há porto ou cais de atracação.

Os navios amarram ao largo, no vasto estuário formado pelo Pungué, e vai a gente para terra em bote. [...] Vista de bordo, tem a cidade um ar de insignificância, que não convida muito a visitá-la. [...] Muita gente branca no cães; enorme multidão de pretos que gritam, cantam e dançam, alguns dando cambalhotas de circo, ágeis como palhaços. Na Beira não há trens nem automóveis. Não há nem pode haver enquanto as ruas tiverem pavimento de terra solta. [...] O tribunal é um bom edifício, relativamente grande, banal como arquitectura, mas não interiormente desprovido de elegância." E ironicamente refere: "É o melhor... por ser único!"

Mais adiante acrescenta: "[...] casario medíocre, a maior parte dos prédios feitos de madeira e zinco, dando a impressão de monolitos ocios, com muitos buracos figurando de portas e janelas. [...] Não pode ser higiénica uma cidade dentro da qual ha um pântano, que engenheiros amadores privaram da comunicação que tinha com o mar, sem ao mesmo tempo procederem ao seu esgoto ou aterramento." O transporte na cidade é maioritariamente assegurado por rickshaws, "uma espécie zorra armada em fiacre, deslizando sobre calhas", no entender de Brito Camacho. Os gasolinas são ainda muito poucos. "Os pobres andam a pé; os ricos e os remediados, os que podem gastar, poupando as pernas, esses andam de rickshaw. Para cima de mil pretos, homens fortes, bons trabalhadores se empregam neste serviço, que podia muito bem ser feito por burros ou muares. Há grande falta de mão de obra na Companhia, e mal se compreende que a malbarate assim como se a tivesse em excesso. Cada preto do rickshaw ganha uma libra por mês, e razão, salário que talvez pareça excessivo a quem não saiba que estes pobres diabos fazem dezenas de quilómetros por dia, empurrando os rickshaws, num trote de cavalo."

À sombra dos louros conquistados. Nos anos 30 e 40 os beirenses desfrutaram remansadamente dos rápidos progressos. A Beira é nesta altura uma alegre praia de banhos, com as suas formosas vivendas bem alinhadas, olhando o mar, onde se destaca a torre da igreja neogótica encimada pela enorme cruz. A ponta de areia venceu definitivamente o mar e assim nasceu a Praia Nova, há anos a favorita da população, ampla e luminosa, refrescada e protegida do calor pela extensa mata de casuarinas; sucedem-lhe a antiga "praia dos alemães" ou Afonso de Albuquerque, debruando o mar em curva; mais adiante a do Pohomull e, a rematar o circuito, a do Macúti, cada vez mais procurada pela grandeza, frescura e isolamento que permite. Por esta fiada de praias se dispersa a população, em grupos, ao sabor das relações e convívências, o que faz com que cada uma das praias, com as suas parcas barracas e barracas e toldos, possua um certo ar de intimidade, de recolhimento, de carinho. Nesta altura, a Ponta Gea é o bairro mais procurado pela nata beirense. De costas para o mar, o novo bairro salpicado de moradias de estilos variados é grácil e airoso. É por esta época que se erguem nobres edifícios de severa elegância: o da Associação Comercial, o Grémio dos Empregados da >>>

Companhia de Moçambique, a Escola de Artes e Ofícios, o Hospital europeu e indígena, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, o "Paladium" e o "Guala"...

Digno de menção é ainda o prédio designado de Dr. Lacerda, doado à cidade pelo benemérito médico José Araújo de Lacerda, onde estão instalados os serviços dos Correios e Telégrafos, Museu e Câmara Municipal. O núcleo comercial da cidade desenvolve-se à volta da praça marginal, com as suas lojas, os seus bancos e os seus hotéis, de que o mais famoso é o Savoy Hotel, centro mundano de celebradas festas.

À boa maneira inglesa o five o' clock tea era muito respeitado, ou não vivessem na Beira mais de mil súbditos britânicos. A esta hora era preciso marcar antecipadamente mesa no conhecido Beira-Terrace, uma casa de chá/restaurante com uma esplanada envolvida por um magnífico jardim. Até ao fim dos anos 50 não teve rival na sociedade beirense; depois, com o aparecimento de alternativas de qualidade, entrou em decadência, mas conservou até ao fim uma clientela indefectível.

Por esta altura o afluxo de turistas vindos da vizinha Rodésia não pára de aumentar. Sequiosos de boas praias que o seu país não lhes pode proporcionar, chegam aos milhares nas épocas do tradicional turismo de Páscoa, Natal e Verão. Tanto assim que em meados dos anos 50 o Governo português resolve investir em força no sector do turismo e para isso pretende edificar estruturas hoteleiras que recebam condignamente o turista. É neste espírito que surge o Grande Hotel, que adopta este nome pensando seguramente que nenhum outro o poderia bater em dimensão. "É o maior e o mais sumptuoso ao sul do Equador", afirmavam a plenos pulmões os orgulhosos beirenses. Era de facto muito grande, grande demais, gigantesco mesmo, com suas piscinas, seus parques, seus jardins, seus salões, um hotel que era uma cidade dentro da cidade. Nos primeiros tempos, fruto de ser novidade, ainda conseguiu ter uma razoável taxa de ocupação, depois, passado pouco mais de um ano, entrou em acentuada decadência, resultado da sua desmesurada dimensão e da pesadíssima e inoportável manutenção. Tanto assim que acabou por encerrar as portas, apesar de ainda abrir para recepções especiais, como foi o caso da visita a Moçambique do presidente Craveiro Lopes, no ano de 1956.

O amigo rodesiano

A prosperidade dos anos 50 acentua-se nos 60. Começa-se a ir ao estrangeiro, especialmente a Salisbury. A capital rodesiana, muito inglesada, arranjada e limpa, é cosmopolita quanto baste para possuir um comércio de roupa e ménage bastante sofisticado. Tal como Lourenço Marques elegeu Joanesburgo como sua Meca, também a Beira elegeu Salisbury como modelo a seguir. Depois de 1965, quando o Governo branco de Ian Smith decretou a independência unilateral da Rodésia em relação à Inglaterra, os rodesianos, gratos ao Governo de Salazar por este furar clandestinamente o bloqueio mundial, recebiam os beirenses de braços abertos. Durante anos era comum deparar-se com carros rodesianos com dísticos "We love Portugal", ou cartazes com a bandeira portuguesa e rodesiana entrelaçadas e unidas forever. A Beira teve, inclusivamente, artilharia pesada voltada para o mar à espera de uma invasão inglesa que nunca chegou. Durante alguns dias pairou no ar a ameaça da Inglaterra invadir a Rodésia, ao que Salazar respondeu que se eventualmente entrassem em território português responderia pela mesma moeda. Havia uma calma tensa na cidade, faziam-se apostas de dia e hora para o desembarque. Acabou por ganhar quem apostou que tudo ficaria na mesma.

A cidade, porém, cresceu toda para o mesmo lado, inclusivamente o novo bairro da Manga, criado para servir de residência aos funcionários das indústrias recentes. Porém, passada a ponte do Chiveu há outra Beira. Reconhece-se que é um cenário pouco agradável: porto, caminhos-de-ferro, mastros, guindastes, rolos de fumo, lama, carvão, silhuetas banais de armazéns. Mas é a este lado, é a esta margem, que a Beira ficou a dever todo o seu esplendor.

- *Apontamento retirado da internet*



**GELATARIA
CROISSANTERIE
CAFETARIA**

**C.C. PÃO DE ACÚCAR
CASCAIS**

ÁFRICA MINHA

Quem, alguma vez, viu a savana africana, essa planície imensa de capim ressequido, salpicada de onde em onde por árvores de troncos esguios e folhagem miúda, quem lhe sentiu o calor asfixiante e pisou o chão endurecido pela seca; quem viu as nuvens negras avolumarem-se e, num instante, tudo envolverem enquanto o raio riscava o céu, e os primeiros pingos grossos duma chuva torrencial começavam a cair; quem sentiu o cheiro dessa terra molhada e se sentiu envolvido na fúria dos elementos; quem ouviu, num silêncio de milénios, o grito dessa terra virgem a desbaratar pujança; quem assim viveu, despiu-se de todos os artifícios e entregou-se completamente. Era África que pulsava, e o homem não fazia mais do que responder ao seu chamamento. Irresistivelmente atraído. Definitivamente conquistado. E, porque a entrega era de parte a parte, o feitiço prendia-os para sempre. Os momentos eram mágicos.

África, tu me viste nascer. E quando te deixei, uma parte de mim ficou contigo. A melhor. A mais pura.

Manuela Cruto e Silva (2001)

CARLOS QUEIROZ NO REAL MADRID



Nasceu Carlos Queiroz em Moçambique, na Cidade de Nampula. É com natural satisfação que a AEMO o conta entre os seus associados, aproveitando o ensejo para lhe desejar as maiores venturas nas funções que recentemente o levaram para uma das maiores e mais famosas colectividades do desporto mundial, o Real Madrid da nossa vizinha Espanha.

ACTUALIZAÇÃO DE MORADAS

Chamamos a atenção dos nossos Associados, e não só, que tenham apresentado declaração de bens ao Governo Português, para a conveniência da actualização das moradas junto do IPAD (Av. da República, 192 2º, 1250 LISBOA, tel.: 213176700).

Para maior facilidade, é conveniente a indicação do nº de registo que foi atribuído aquando da efectivação da declaração.

Igualmente, os que tenham processos em julgado, de manterem as suas moradas actualizadas para com os respectivos advogados.

A VOZ DA AEMO

Director: Eduardo Fernando Alves

Coordenador: Fernando Gil

Propriedade da AEMO

3º Trimestre de 2003

Distribuição gratuita

EDITORIAL

(Conclusão da pág.1)

tanto mais que, lamentando sobremodo, nos identificamos com as vítimas dos dantescos fogos devoradores de pessoas e bens, tal qual nós, espoliados, nos sentimos penalizados, em razão dum crime de lesa-Pátria que, por aí, se alcunha de “Descolonização”

ACTIVIDADES – CONTACTOS COM ENTIDADES PÚBLICAS – Sem desfalecimento, mantemos trabalho persistente de contactos com os mais emblemáticos representantes dos poderes públicos. Entendemos ser útil e necessário comunicar os nossos ideais e anseios, pondo-os em relevo, insistindo junto daqueles que irão decidir a solução da nossa causa.

APELOS – Regozijamo-nos com a mensagem levada aos associados, através deste boletim. Mas algo nos acrescentaria o prazer da publicação, a saber:

- Que nos remetam colaboração a publicar, desde que tenha interesse para a prossecução de nossos fins e não seja demasiado extensa;
- Que todos os que puderem, ajudem, monetariamente, a A VOZ DA AEMO, com pouco que seja, a exemplo do procedimento anterior de alguns, para minorar a despesa que a sua publicação implica.

Expressando as nossas melhores saudações, contamos com a habitual e prestimosa cooperação dos Senhores Associados.

Eduardo Alves

Presidente

AUDIÊNCIAS CONTINUAM...

Na sequência dos diversos contactos já noticiados no número anterior do nosso boletim, realizaram-se audiências, em conjunto com a AEANG, com o Secretário Geral Adjunto do Partido Social Democrata, Dr. Matos Rosa; Grupo Parlamentar do Partido Socialista, na pessoa do deputado Dr. Victor Ramalho; Grupo Parlamentar do Partido Comunista Português, assessor Dr. Luís Courceiro e também com o Bloco de Esquerda, assessora Dr^a Lúcia Fernandes.

Nesta fase de sensibilização e esclarecimento, outros encontros estão programados de que, a seu tempo, daremos notícia.

CARO ASSOCIADO

Esta é a altura própria para nos trazer
mais 2 companheiros

Convide e faça 2 novos associados
Mostre-lhes este nosso Boletim